

CARDIM, Leandro Neves *Corpo*. Col. Filosofia Frente & Verso. São Paulo: Globo, 2009. 177 p.

Sandra S. F. Erickson*

O livro presentemente resenhado é pequeno e modesto. Faz parte da coleção Filosofia Frente & Verso, projetada e organizada por Alexandre de Oliveira Torres Carrasco (USP). Sua capa, discretamente elegante não tem nenhum *blurb* [nota publicitária para chamar atenção especial do leitor]; uma pequena reprodução de um dos frescos de Michelangelo se “deita” contorcido & pendente para um dos lados (como uma espécie de justaposição) sobre a capa-corpo (ou o corpo capa); a orelha foi redigida (aparentemente) pelo autor ou pela editora; na segunda orelha há uma brevíssima apresentação do autor com apenas suas titulações: graduação em filosofia pela Universidade Católica de Goiás, mestrado e doutorado (2007) na mesma área (parcialmente cursado na universidade Paris I, Panthéon, Sorbone no programa de bolsas sanduíche do CNPq) pela USP, onde é posdoutorando e professor convidado. Uma busca no Lattes do autor aponta alguns artigos publicados em revistas e capítulos em coletâneas, sendo esse seu primeiro livro. A concentração de suas publicações é em Fenomenologia, que foi tema de sua tese – e, não, o livro não é a tese (“A ambigüidade na *Fenomenologia da percepção* de Merleau-Ponty,” 2007), embora materiais de lá possam ter emigrado para cá, como se pode ver no capítulo mais longo, o que compõe sozinho a terceira parte do livro que trata de Merleau-Ponty. A contracapa, que é uma descrição breve da coletânea, descreve-o como “acessível a qualquer pessoa que queira pensar [...] os grandes temas da vida humana com os instrumentos que a filosofia continua a nos oferecer há mais de dois mil anos.”

Fiquei feliz de constatar, na leitura, a veracidade dessa afirmativa, pois acabei de ler mais de duas dezenas de livros sobre o tema “corpo e

* Professora do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas, UFRN. E-mail: ericksons@ufrnet.br Resenha recebida em 30.10.2009, aprovada em 15.12.2009.

filosofia” e já estava começando a perguntar cadê os filósofos nesse banquete das falas, onde há de tudo: geografia (*A carne de pedra*, Richard Sennet, 2008), história (*A história do corpo*, Alain Corbin, et AL; 2008; *Corpo e história*, Carmen L. Soares, 2001), sociologia (*Da cultura do corpo*, Jocimar Daolio, 1995), estudos de políticas e ideologias (*As classes sociais e o corpo*, Luc Boltanski, 1979), teoria e crítica literária (*O simbolismo do corpo humano*, Annick de Souzennelle, 1984), entre muitos outros; mas na filosofia e com filosofia, tinha encontrado apenas *Variações sobre o corpo* (2004) do professor de filosofia francês Michel Serres e *Pensar o corpo* (2004), de outro filósofo francês, Maria Michela Marzano-Parisoli, onde se encontra muito de sociologia, mas quase nada de filosofia.

Na orelha se diz que o tema do livro é o tratamento do corpo na filosofia, “tema mais do que pertinente,” porque “o corpo é hoje a verdadeira alma da cultura ocidental” e que “esse livro foi concebido e escrito especialmente para o leitor se atirar de corpo e alma.” Puxa! É uma promessa e tanto! Essa reversão – o corpo sendo a alma do mundo – me lembrou Merleau-Ponty e sua noção de “carne do mundo” e me arrebatou.

Não sou filósofa – tenho apenas um mero bacharelado, mas, como disse, andei lendo muito sobre o tema (corpo e filosofia, filosofia do corpo) não só nos livros, mas, também em revistas disponibilizadas na internet, procurando materiais escritos por e para a filosofia. Foi difícil encontrar leituras que fossem interessantes, informativas (sem serem medíocres), atualizadas (sem deixarem de revisar os *locus* clássicos), e que fizesse sentido para um leitor interessado no tema de uma forma recortada (mas inteligente e eficiente): corpo e filosofia – o que a filosofia disse sobre o corpo. Um livro que dissesse (mostrando suas citações diretas) o que os filósofos disseram sobre o corpo sem a gente ter que ler todo o cabedal de textos para fazer a triagem do material (mais uma vez, o corpo). Gastei muita grana também, mas o resultado das leituras sempre o mesmo: apesar de títulos bacanas, contracapas supimpas e orelhas chiques, nada de elucidativo e as discussões restritas ao corpo enquanto material antropológico, sociológico, ideológico, lingüístico: tudo menos uma reflexão do que o corpo é para e na filosofia (apesar de não faltarem referências a Foucault e Merleau-Ponty). Quando eu vi o livro de Cardim, o título singelo: *Corpo*, apenas, eu quase não dava bolas (pensando que seria mais um sobre educação física), mas, talvez por causa daquela compulsão de pesquisa que herdei da formação

bacharelar, comprei. Li. Li de um gole só. Sem parar. Exatamente como a orelha garantiu: de corpo e alma.

O livro é composto de três partes, um Epílogo e bibliografia, onde faltam algumas referências como a Antonin Artaud (p. 163) que aparece numa citação longa de Deleuze na subseção O corpo sem órgãos que se refere ao próprio Deleuze e que seria interessante para o leitor poder acessar mais rapidamente a citação de Artaud. O livro é bem escrito. O texto é limpo, claro, o vocabulário bem selecionado (para o nível erudito pop) e o tamanho das discussões adequada, exceto nas referentes a Merleau-Ponty que acabam tomando conta do texto, mas se justificam pela importância (que o autor aponta bem) do pensador e sua influência no tema. É extremamente (e felizmente) objetivo: para os pré-socráticos o corpo era “x”, para Platão, “y”, para Aristóteles, “z” e assim o autor aponta com precisão o que cada um dos pensadores que ele selecionou disse sobre o corpo, indicando onde, quando e com excursões pertinentes sobre o porquê.

A primeira parte (p. 19-46) tem três capítulos bem nomeados (Os fundadores: a harmonia entre o corpo e a alma; Descartes: a distinção e a união do corpo e da alma; Maine de Biran: a coexistência do corpo e do eu – o fato primitivo), e apresentando, no terceiro, a novidade (para mim) do pensamento de Biran o qual até hoje não conhecia. É a parte mais curta, mas louvo o autor por ter, de uma maneira tão rápida, mas eficiente, econômica, inteligente, e sem banalizá-los ou subestimá-los percorrido a longa *via cruxis* do pensamento sobre o corpo dos pré-socráticos a Immanuel Kant, deixando ao leitor interessado um mapa bem demarcado de referências capitais para o tema.

A segunda (p. 47-86) tem quatro capítulos: Kant: a substancialização do corpo e da alma; Husserl: o corpo objetivo e o corpo subjetivo; Bergson: o corpo imenso e o corpo mínimo; e Nietzsche: a pequena razão e a grande razão.

A terceira (p. 87-146), conforme foi indicado acima, tem um capítulo só e trata de um só pensador, Merleau-Ponty: a ambigüidade da experiência do corpo próprio. Aqui, nota-se o interesse do autor em discutir sua própria tese que é justamente a ambigüidade do corpo na *Fenomenologia da percepção*. Embora seja a parte mais desenvolvida, e embora seja mesmo difícil de entender os desenvolvimentos do pensamento de Merleau-Ponty depois desse livro sem se entender o contexto das idéias e os movimentos

dialéticos que culminaram nas noções desse pensador de corpo como coisa universal e a de que o mundo também tem carne; o presente leitor (não filósofo, mas diletante Merleau-Pontiano) teria preferido maior ênfase nesse pensamento tardio (para o tema). As citações do autor (Cardim) de Merleau-Ponty se referem ao “ser em si” e “ser para si” (p. 89), e aí fica mais visível a falta que faz Martim Heidegger (p. 101 e 102), que só aparece de raspada para contextualizar a noção de corpo como um “terceiro gênero de ser” (p. 88) desenvolvida em *Fenomenologia da percepção*. É difícil (imagino) de se triar o que Heidegger diz de corpo, mas o próprio Cardim não pode esconder Heidegger, não apenas pela influência do pensador em Merleau-Ponty, mas por sua contribuição no pensamento contemporâneo do corpo como abertura, como estado de ser-no-mundo; muito embora, talvez para Heidegger o corpo fosse mais um modo de ser do que um ser, ou seja, um lugar (a clareira) de habitação do ser, que é a visão que Merleau-Ponty quer destituir.

Merleau-Ponty desenvolve seus conceitos sob o *agon* do fenômeno designado pelo crítico e teórico Harold Bloom de inveja criativa e/ou angústia da influência. Ele tenta se esquivar da influência do outro (Heidegger) revisando, com vários tipos de substituições, seu esquema; assim, ele não tanto “emprega o velho termo ‘elemento’ no sentido em que é empregado para falar da água, do ar, da terra, e do fogo” como Cardim suspeita, em *Visível e invisível* (136; Cardim p. 123), mas ele quer revisar o esquema heideggeriano de terra-céu, deuses-mortais (que por sua vez revisa o esquema dos antigos gregos). Merleau-Ponty trata a corporeidade como uma dimensão (bi-polar já que o corpo e o mundo, cada um, possui sua própria corporeidade). Mas, isso seria outra estória...

O Epílogo (p. 127-146) tem três capítulos: Foucault: a história do corpo – disciplina e regulamento; e Deleuze: o corpo sem órgãos; e é seguindo por uma pequena parte autônoma intitulada Ensaio de leituras (p. 147-173) onde há uma espécie de rascunho de algumas discussões mais contemporâneas sobre o tema, mas que o autor não substancia, nem desenvolve, apenas... ensaia ...

O recorte de tudo que Foucault disse sobre o corpo (e foi um caldeirão de coisas!) foi perfeito! É muito difícil se resumir, sem perder a inteligibilidade e sem sair do tema em si, o que Foucault diz e fez pelo assunto e Cardim consegue, escrevendo ainda um texto bonito que faz

justiça ao pensador também francês (como Merleau-Ponty & Deleuze – e ainda Descartes e Bergson). Porém ele fica meio desperdiçado porque o autor organiza os pensadores cronologicamente. Assim, Foucault segue a Merleau-Ponty, mas depois o autor traz Merleau-Ponty de volta à discussão para ressaltar o caráter ainda atual de suas teses. Ele poderia ter optado por uma organização ideológica e demarcado Foucault primeiro, deixando Merleau-Ponty, no palco da história, com seus solos. Todavia, essa saída seria dificultada pela noção de corpos sem órgãos (SsO) desenvolvida pelo também francês Gilles Deleuze.

Cardim ainda pincela (para evidenciar a radical contemporaneidade do pensamento merleau-pontiano) as idéias de Kurt Goldstein (p. 147-151) e Paul Schilder (151-155) antes de retornar a Merleau-Ponty (p. 155-162); finalmente, passando a tocha para Deleuze (163-171), onde o fogo da tradição, ao mesmo tempo em que é guardado, conquista novos e radicais espaços. É pena que Cardim não tenha dado muita bola para o *Anti-Édipo* (1972) que Deleuze escreveu com Félix Guattari e que foi prefaciado por Foucault. Talvez pelo fato de que ainda estamos tentando digerir as noções radicais propostas nesse trabalho.

O autor usa bem os subtítulos porque todos descrevem as teorias filosóficas dos pensadores nomeados – alguns como Husserl & Bergson difíceis para leitores fora da Filosofia. Talvez a razão porque, mesmo em áreas que pensam o corpo, se nota a gritante falta do pensamento filosófico, possa ser atribuída a dificuldade de se compreender o pensamento desses filósofos e a falta (pelo menos na língua portuguesa) de uma literatura secundária que dê conta dela. Esses dois pensadores são não apenas difíceis, mas chatos, e muitas vezes a gente parece estar andando em círculos, mas Cardim consegue descrevê-los com lucidez e prazer, fazendo-nos ver a necessidade de lê-los. Ele nos leva ao labirinto pela mão. Dele saímos não apenas vivos e inteiros, mas com o gosto pela aventura (treino necessário para o leitor, mais tarde, entender minimamente as idéias de Merleau-Ponty e Deleuze).

Fiquei impressionada que esse jovem autor, nessas poucas páginas, tenha realmente satisfeito minha vontade de informação sobre a literatura sobre o corpo na filosofia e ainda mais: oferecido, além de um mapa de leitura consistente sobre e para o assunto, discussões agradáveis, inteligentes, fomentando o desejo do leitor de saber mais. Textos que já tenham sido

objetos de nossas leituras, como Descartes, Kant, Husserl, Bergson, são muito bem recortados pelo autor para enfocar exatamente seu tema: o corpo e a filosofia e a contribuição única de cada um deles para o tema. É filosofia mesmo porque o que contém não é a incrível leveza de um resumo do pensamento dos autores abordados, mas a densidade de um tema fascinante que não pode ser compreendido sem a contribuição do pensamento filosófico, em particular desses pensadores.

Os profissionais da filosofia versados nos textos-mães encontrarão uma discussão bem organizada para o pensamento filosófico sobre o corpo e a contribuição da Filosofia para o assunto, os amadores encontrarão um guia prático, bem elaborado e instrutivo, tanto no que diz respeito ao que e como os filósofos pensaram o corpo na história do pensamento ocidental, como também referências bibliográficas específicas para se continuar a pesquisa e aprofundar as desafiantes idéias apresentadas pelo texto (dos filósofos). Os profissionais das áreas que tratam do corpo não podem deixar de ler porque estarão perdendo o melhor do banquete. Seu prato principal. O supremo deleite de ver Sofia rodando a baiana.

Ainda que a alma do mundo, o corpo, esteja sendo dissecada por outras ciências cujas pesquisas são essenciais para o pensamento dos filósofos, essa leitura deixa claro que começando com esses “pais” do assunto, o pensamento filosófico sobre o corpo se dá a partir das pesquisas do que ele é como organismo, mas a ciência apenas não dá conta de compreender o que é essa “alma do mundo”. É a filosofia que possui as ferramentas necessárias para esse tipo de aventura. Assim, ainda que Cardim não tenha apresentado nenhuma idéia filosoficamente original, ao nomear o já nomeado e contar o já contado sua pequena historiografia do pensamento sobre o que a filosofia disse e descobriu sobre o corpo não deixa de ser um evento filosófico, um relâmpago que ilumina a clareira do ser do tema.

A leitura desse livro vale à pena. Aliás, devo confessar: a releitura também. Não porque apresenta ao leitor uma filosofia do corpo, mas o convence de que, para qualquer um, em qualquer área, que queira entender e pensar (ou lecionar) sobre o tema, a lista de leitura que Cardim propõe é essencial. Um dever de casa bem feito pode ser algo singelo, mas é um exercício útil e bem vindo num mundo de publicações tão... desnorteadas como a minha lista de leitura sobre o tema aponta.